

## SOBRE A CONSTRUÇÃO *SER + DE + INFINITIVO* NO LIVRO DOS OFÍCIOS DO INFANTE D. PEDRO<sup>1</sup>

MAFALDA FRADE  
(Universidade Nova de Lisboa / CLUNL)<sup>2</sup>

*Abstract: Using the translation of Cicero's De Officiis in medieval Portuguese (called Livro dos Ofícios), I intend to contribute to the analysis of the construction ser + de + infinitivo that appears frequently in the text. To find out the modal values that this expression transmits in the medieval translation, and based on the Theory of Enunciative Operations (in particular in what regards deontic modality), I will compare the examples found in the text with the Latin constructions that are the source of the translation. Besides this, I will analyze examples in modern Portuguese, in order to find if nowadays it transmits the same modal values that it had in medieval times.*

### 1. Considerações teóricas preliminares

O 'Livro dos Ofícios', da autoria do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, é a tradução portuguesa quatrocentista do tratado latino *De officiis*, em que Cícero descreve os deveres morais dos governantes e os princípios que devem nortear a sua atitude. Neste âmbito, a intencionalidade prescritiva do texto é evidente: nele se desenvolve uma discussão em torno da importância e características das tarefas governativas, enaltecendo-se a normativa ética que deve servir de referência a um dirigente e a conduta que deve seguir. A nível pragmático, verifica-se, assim, que a obra é de índole argumentativa e injuntiva: procura-se obter uma resposta por parte de um destinatário, propondo-se-lhe determinadas ações ou comportamentos. Seguindo as categorias dos atos ilocutórios de Searle (1979: 13-14; ver também Lyons 1977: 745-746), estamos, assim, perante um texto onde impera a categoria dos atos diretivos. Contudo, aqui sobressai não a imposição de determinada ação ou

---

<sup>1</sup> O presente artigo baseia-se no trabalho de investigação que conduziu à elaboração da tese de mestrado da autora, intitulada *Ser de + Infinitivo na tradução quatrocentista do "Livro Dos Ofícios"* (2011, Universidade Nova de Lisboa).

<sup>2</sup> Trabalho financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito da bolsa de investigação SFRH/BPD/47528/2008.

comportamento, mas sim a proposta de uma conduta a seguir: procura-se *persuadir*, e não *obrigar*, o destinatário do discurso a assumir uma determinada normativa ética. Deste modo, estamos frente a um texto onde predominam atos ilocutórios indiretos: as proposições assumem uma força ilocutória diretiva, mas que não é impositiva (Fonseca, 1994: 159), na medida em que tomam a forma de um pedido ou conselho inferido pelo destinatário<sup>3</sup>. Esta é a razão pela qual, neste texto, a injunção é sobretudo expressa não pelo imperativo<sup>4</sup>, mas por outras formas com valor injuntivo, como o presente do conjuntivo.

Semanticamente, o texto é marcado em especial pela modalidade deôntica, ou intersujeitos, tal como é entendida no âmbito da Teoria Formal Enunciativa, mais concretamente na investigação efetuada por Maria Henriqueta Costa Campos (1998, 2001), que se apoia e revê nos estudos de Culioli (1968) e Bally (1965). A este nível, Campos defende que, a nível da relação predicativa, podem existir três tipos de valores modais (Campos e Xavier, 1991: 338-343; Campos, 2001: 169-173): o valor epistémico, que é baseado no grau de conhecimento do acontecimento mencionado (os valores modais associam-se à constatação de que algo é ou não é) e implica uma atitude de validação ou não validação da relação predicativa, através da afirmação, negação ou dúvida (Campos, 2001: 170); o valor apreciativo, que se baseia na emissão de um juízo com valor qualitativo a propósito de um estado de coisas, implicando assim a construção de juízos de valor intelectuais ou emotivos acerca de uma relação predicativa validada; o valor deôntico, que implica a criação de uma relação entre sujeitos em que um enunciador procura influenciar um coenunciador. Aqui, estamos perante a modalidade intersujeitos ou deôntica, que é a que me interessa especificamente e que importa detalhar de forma mais concreta.

Ao descrever as características da modalidade deôntica, Campos (1997: 175-176) defende que a relação de influência entre o sujeito enunciador e um coenunciador implica valores de necessidade e obrigação e é necessariamente uma relação de hierarquia e interagentiva: o sujeito da enunciação é agente quando procura impor um determinado dever ao coenunciador e o co-

---

<sup>3</sup> “In indirect speech acts the speaker communicates to the hearer more than he actually says by way of relying on their mutually shared background information, both linguistic and nonlinguistic, together with the general powers of rationality and inference on the part of the hearer” (Searle, 1979: 31-32).

<sup>4</sup> “A modalidade injuntiva se expressa, em nossas línguas, pelo imperativo. Contrariamente às aparências, ela não tem força persuasiva, todo o seu poder vem da ascendência da pessoa que ordena sobre a que executa: é uma relação de forças que não implica adesão alguma. Quando a força real está ausente ou não se pretende a sua utilização, o imperativo toma a inflexão de um rogo. Por causa dessa relação pessoal implicada pela forma imperativa, esta é muito eficaz para aumentar o sentimento de presença” (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2002: 179).

enunciador é agente da situação de enunciação fictícia que, no plano enunciativo, é construída como sendo eventualmente válida (Campos, 2001: 172, 1997: 177) e ocorre necessariamente num tempo posterior ao do juízo modal. Este tipo de modalidade exige que os sujeitos sejam caracterizados pelo traço [+ animado] e que a relação predicativa tenha por base um evento ou atividade, sendo caracterizada pelo traço [-estativo] (Campos, 1998: 161-162).

## 2. A expressão *ser + de + infinitivo*

No texto em estudo, esta modalidade relaciona-se com valores de conselho ou exortação, sendo frequente, por exemplo, a presença de verbos latinos como *censere*, *hortari*, *debere*, *posse* que se traduzem por *consselhar*, *amostar*, *dever* ou *poder*.

A este nível, deparei-me com uma construção – *ser + de + infinitivo* – que é utilizada para expressar também o valor modal deôntico e me chamou a atenção dada a frequência com que ocorre no texto. O seu estudo revelou-se ainda mais interessante quando me deparei com a escassez de estudos sobre as suas características, não apenas em Português Médio (PM), mas também em Português Europeu Contemporâneo (PEC), ainda que continue a ser bastante produtiva na atualidade, como é possível perceber se fizermos uma breve pesquisa por exemplo, no CetemPúblico:

“A primeira destas séries, uma estreia na televisão, é de ver, uma vez que tem como apresentador Desmond Morris” (CetemPúblico, par=ext347495-soc-91b-2)

“Primeiro, as pessoas não podem desabituar-se de rumar a Oriente – motivo por que são de saudar as iniciativas de reabrir vários pavilhões já a 16 de Outubro” (CetemPúblico, par=ext2464-nd-98b-1)

“a ilha de Yap (...) tinha sido devastada por uma enorme vaga de fundo e que era de temer que a totalidade dos 7 mil habitantes tivesse morrido.” (CetemPúblico, par=ext1202422-nd-93b-1)

“Daí que a publicação de um livro como este Conhecer o Voleibol seja de louvar na medida em que poderá sempre auxiliar a conhecer a forma de jogo adulto actual ...” (CetemPúblico, par=ext891418-nd-92a-1)

Em termos sintáticos, e tanto em nos exemplos recolhidos em PM como em PEC, esta construção envolve um Sintagma Verbal composto por uma forma do verbo *ser* seguida da preposição *de* que se liga a uma forma verbal no infinitivo impessoal (Frade, 2011: 30-34). Nesta perífrase, o verbo *ser* sofreu esvaziamento semântico, não veiculando, por si só, o significado lexical da sequência. Assim sendo, não pode ser encarado como um verbo pleno, mas assume, pelo contrário, características de auxiliaridade, ligando-se a formas verbais infinitivas de verbos agentivos a que atribui número e tempo. O significado lexical é veiculado por estas formas verbais infinitivas, que representam o núcleo semântico da construção e selecionam o Sujeito.

Este último, quando expresso (não se pode excluir a existência de um Sujeito nulo indeterminado em algumas ocasiões), assenta em SNs e orações

subordinadas (SComp - Sintagma Complementador<sup>5</sup>) que concordam com o verbo *ser* + *de*. De facto, na sua grande maioria os SNs concordam em número com a forma verbal do verbo *ser*, como sucede nos exemplos seguintes (em PM e PEC), sendo raríssimos os casos de não concordância (Ali, 1971: 304-305):

Em PM -

*Por esto nom som de comprir os prometimentos...* (LO I.23)

*E nom som douvir os cínicos...* (LO I.75)

Em PEC –

“As sobras, mesmo assim, não são de desprezar.” (CetemPúblico, par=ext11417-clt-93a-1:)

“Do lado do círculo portuense de intelectuais, são de assinalar as participações de Alberto de Serpa (CetemPúblico, par=ext21693-clt-92b-1:)

No caso das orações subordinadas, por norma encontram-se em posição pós-verbal e ligam-se a uma forma verbal de *ser* no singular (Dias, 1918: 22), como vemos nos exemplos seguintes (em PM e PEC):

Em PM -

*non he de duvidar que a pallavra nos debates nom tenha mayor força pera acalçar gloria* (LO II.122)

Em PEC –

“Não é de admirar que Hollywood se interesse por este mercado” (CetemPúblico, par=ext609597-clt-soc-94b-1:)

Para além disto, foi possível ainda observar que esta é uma construção em que a perífrase verbal apresenta características passivas, sendo que o Sujeito apresenta o papel temático de Paciente e o Agente não é representado (é sempre indeterminado), como mostram as seguintes glosas:

E com toda razom he de guardar e de prezar a justiça... (LO II.118)

Mas aqueste occio nom he de comparar com ho occio d'Africano (LO III.149)

Relativamente à divida pública de curto prazo **é de** registar a realização de três leilões de tesouraria (par=ext240103-eco-92b-2)

A justiça é de/deve ser guardada e prezada (por alguém)

O ócio não é de/deve ser comparado com o ócio do Africano (por ninguém)

Relativamente à divida pública de curto prazo a realização de três leilões de tesouraria **é de/deve ser** registada (por alguém)

<sup>5</sup> Seguimos aqui a nomenclatura de Inês Duarte (2003: 597-599) – Sintagma Complementador – para representar sintaticamente as orações completivas finitas introduzidas pelos complementadores (ou conjunções) *que* e *se*.

E embora o regulamento afirme que **são de** admitir «pequenas unidades hoteleiras», o projecto de um hotel com 350 quartos não cabe nesta definição (par=ext20409-soc-94a-2)

E embora o regulamento afirme que «pequenas unidades hoteleiras» **são de/devem ser** admitidas (por alguém), o projecto de um hotel com 350 quartos não cabe nesta definição

Em termos modais, esta construção constitui-se como uma unidade semântica em que o infinitivo representa o núcleo semântico, competindo a *ser de* veicular o valor modal deôntico, que se relaciona com os valores referenciais de pessoa e tempo (Frade, 2011: 34-36). Note-se ainda que, relativamente à relação predicativa, o acontecimento linguístico construído na enunciação se localiza num tempo posterior ao tempo da enunciação, implicando a necessidade de realização de uma ação no futuro. Para esta projeção é relevante a presença da preposição *de* que, em Latim, pode ser usada para marcar um ponto de origem tanto no espaço como no tempo (Ali, 1971: 204; Figueiredo/Almendra, 1967: 191; Ernout/Thomas, [1951]1972: 80-81), sendo que é com este segundo sentido que surge nesta construção. Esta interpretação de posterioridade, em alguns casos, e tanto nos exemplos recolhidos em PM como em PEC, é reforçada por tempos verbais ou expressões específicas, como vemos nas ocorrências seguintes:

“Declarados os officios dos mancebos, (...) daqui adiante he de dizer da benfeitoria e da graadeza, a qual he em duas maneiras” (LO II. 125)

“E ainda he de veer (...) que delle soo ou, quando muyto, de sseus filhos receberás agradecimento “(LO II.137)

“Algumas negociações amigáveis estão já em curso, segundo os responsáveis da EDIA, mas é de prever, face à extensa superfície envolvida, que ocorram processos litigiosos” (CetemPúblico, par=ext702150-eco-97b-2)

“Se for assim, é de esperar uma subida deste cancro nos próximos anos, em virtude do adiamento actual no nascimento dos primeiros filhos” (CetemPúblico, par=ext1350170-clt-soc-94a-3)

Para além disto, note-se que o sujeito da enunciação se limita a dar um conselho ou a exortar à realização de uma determinada ação, mas sem qualquer exigência de que a mesma seja realizada. Assim sendo, e ao contrário do que sucede nas ordens ou proibições, por exemplo, não há forçosamente validação por parte do Agente, que nesta construção nunca é nomeado, permanecendo sempre indeterminado, tanto nos exemplos recolhidos em PM como em PEC. Assim sendo, estamos perante uma estrutura em que o sujeito da enunciação pode enunciar normas ‘universais’ que qualquer um deve seguir, podendo, precisamente pela indeterminação do Agente, implicar-se até a si mesmo.

Tendo isto em conta, em termos modais, esta construção coaduna-se, assim, com as características que o texto assume a nível pragmático: através dela é possível enunciar princípios morais abstratos que um governante deve assumir, embora sem um carácter de obrigatoriedade, já que não há uma im-

posição de vontade por parte do sujeito da enunciação, mas sim a expressão de um conselho, não havendo necessidade de validação da ação apresentada na relação predicativa.

### 3. *Ser + de + infinitivo no Livro dos Ofícios*

Identificadas as características gerais básicas desta construção, procedi depois ao levantamento exaustivo de todas as suas ocorrências na tradução medieval de D. Pedro, a que se seguiu a análise das expressões latinas que estiveram na origem da tradução. A este nível, procurei identificar de forma concreta o tipo de construções latinas existentes e o valor modal que lhes é subjacente, no sentido de conseguir comparar as estruturas presentes nos dois textos, determinando se o valor modal deôntico que a construção *ser + de + infinitivo* aparenta veicular já neste texto em PM é, de facto, o que se manifesta no texto latino. Isto permitiu-me chegar a algumas conclusões:

- a) Esta construção é usada para traduzir maioritariamente expressões e construções latinas com valor deôntico, o que me permite concluir que já teria este valor nos exemplos recolhidos em PM.
- b) Há construções latinas com valor deôntico que, apesar de ocorrerem no texto latino, nunca são traduzidas com recurso a *ser + de + infinitivo*. São elas *necesse est*, *esse + genitivo* e o modo imperativo.
- c) As formas latinas com valor deôntico traduzidas através de *ser + de + infinitivo* são formas verbais de verbos que podem ter valor deôntico, orações com *quin + conjuntivo* e a perifrástica passiva, construção com sentido passivo que envolve uma forma gerundiva a que se junta o verbo *esse* e que tem, em latim, um valor claramente deôntico, na medida em que se exprime a obrigação ou a necessidade (*amandus sum* – “devo ser amado”; *abeundum est* – “é necessário partir”).
- d) As expressões latinas traduzidas por esta construção que não têm valor deôntico são escassas e partilham outras características com a construção em estudo que não o valor modal.

Relativamente à alínea b), relacionada com formas e construções deônticas que nunca são traduzidas pela sequência em estudo, no caso de *necesse est*, a explicação prende-se com o facto de existir uma expressão no texto em PM que a traduz diretamente: *ser + necessario/cousa necessaria/compridoiro + de + infinitivo* (Frade, 2011: 36-37). Já para *esse + genitivo* e modo imperativo, a razão assenta em duas características da construção em estudo: a não obrigatoriedade de validação da relação predicativa e a existência de um Agente indeterminado. De facto, sabemos que o imperativo, ao usar a ordem direta, pode implicar a capacidade de realização da ação (Pinkster, 1995: 22), para além de referenciar diretamente um coenunciador, na medida em que exige o uso da segunda pessoa verbal (singular ou plural).

Assim sendo, apresenta características incompatíveis com a da construção em estudo, para a qual, modalmente, a validação da situação enunciativa por parte de um coenunciador determinado não é absolutamente necessária – como acontece quando se está perante um conselho ou exortação, em vez de uma ordem (talvez por estratégia de polidez, como sugere o estudo de Pina, 2007) –, o que indicia que a situação enunciativa se situa num plano nocional, onde a validação não é exigível. Por fim, no caso de *esse* + genitivo, esta construção implica a presença de um Agente (é próprio/dever de alguém fazer alguma coisa). Ora, na construção *ser* + *de* + infinitivo em nenhum momento o Agente-envolvido na enunciação é diretamente mencionado e há mesmo um caso, como veremos em detalhe, em que não se pode identificar com o coenunciador.

Já no que diz respeito à alínea a), aproximadamente 78,5% das ocorrências registadas na tradução traduzem diretamente diversas expressões com valor deôntico em latim, o que me leva a considerar que a construção em estudo possuía valor deôntico na versão em PM.

Neste grupo, e tal como referido na alínea c), encontramos uma construção com adjetivo e algumas formas verbais com valor deôntico, nomeadamente a forma verbal impessoal *licet* ou formas de verbos como *uideri* ou *posse* (Frade, 2011: 37-53):

- (28) *Mas de todo este seu louvor dhũa Sed ex tota hac laude Reguli unum  
cousa principalmente he de maravi- illud est admiratione dignum, quod  
lhar: de elle dar consselho que nom captiuos retinendos censuit. (De off.  
tornassem os cativos aos de Africa. III.xxxi.111)  
(LO III.203)*
- (20) *E pera abastarem as riquezas aa ...ut ad largiendum suppetant copi-  
dereita graadeza, he bem d'esguar- ae. Videre etiam licet plerosque non  
dar que muitos ha hi que nom som tam natura liberales quam quadam  
graados per natureza, mas per cobi- gloria ductos (De off. I.xiv.44)  
iça de aver louvor (LO I.31)*
- (21) *Que he de veer se o leixam por nom sed uidentur labores et molestias,  
soportarem os trabalhos e cuydados tum offensionum et repulsarum quasi  
e danos e despreços, em que podem quandam ignominiam timere et in-  
cayr husando de taaes encárregos famiam. (De off. I.xxi.71)  
de que entendem que se lhe seguirá  
deshonra e maa fama. (LO I.44)*
- (22) *E bem se pode duvidar se era cousa De quo alterum potest habere dubi-  
de leixar, de fallar em ella, mas nom tationem, adhibendumne fuerit hoc  
he de duvidar que elle disse que genus, (...) alterum dubitari non  
trautaria daquella parte, e non ho potest, quin a Panaetio susceptum  
fez (LO III. 152) sit, sed relictum. (De off. III.ii.9)*

No caso da construção com adjetivo – *dignum est* –, em latim um dos sentidos que pode veicular é o de ‘ser conveniente’ ou ‘ser preciso’, ‘dever’, assumindo, neste âmbito, o valor deôntico pelo qual o tradutor opta.

Para além disto, aqui destaca-se na terceira ocorrência, a associação que o tradutor faz entre ‘ver’ e a forma verbal passiva *uidentur*. Em latim, *uideor* deriva de *uideo*, na medida em que corresponde à passiva deste último verbo. Na ativa, *uideo* tem um significado percetivo (‘ver’) – tal como nos surge na primeira ocorrência (‘esguardar’), ao passo que na passiva, *uideor* assume um sentido deôntico já que se usa com o significado de ‘parecer conveniente’. Ora, na versão em PM, o tradutor conjuga, numa única construção os dois sentidos do verbo latino, ainda que *veer*, em PM, não surja como verbo percetivo (a nível sensorial: ver com os olhos), mas se apresente, sim, como verbo de atividade mental (perceber, notar). Já na terceira ocorrência, *posse* surge em dois momentos diferentes no texto latino e é traduzido de forma distinta, ainda que em ambos os casos permaneça o valor deôntico: *potest habere dubitationem* – ‘se pode duvidar’ e *dubitare non potest* – ‘nom he de duvidar’.

Note-se como, na última ocorrência referida, para além de *posse* encontramos a forma verbal *dubitari*, que se liga à oração *quin* + conjuntivo, que, em latim, também pode assumir um valor deôntico. Esta oração surge em várias outras ocorrências onde surge a tradução de *ser* + *de* + infinitivo, como as seguintes, onde se exorta para a necessidade de não se manifestar dúvida sobre um determinado assunto:

- (23) *Como assi seja que hi aja duas maneiras de palavras: hũa em fallamentos, e (o)utra em debates ou demandas, non he de duvidar que a pallasra nos debates nom tenha mayor força pera acalçar gloria (LO II.122)* *Sed cum duplex ratio sit orationis, quarum in altera sermo sit, in altera contentio, non est id quidem dubium, quin contentio [orationis] maiorem vim habeat ad gloriam (De off. II.xiv.48)*
- (24) *E porende nom he de dovidar que aquella benignidade, que vem da obra e endustria, nom seja mais honesta e mais vistosa, e que possa aproveitar a mais. (LO II.126)* *Quam ob rem id quidem non dubium est, quin illa benignitas, quae constet ex opera et industria, et honestior sit et latius pateat et possit prodesse pluribus. (De off. II.xv.54)*

Segundo Pinkster (1995: 254), *quin* permite a criação de orações interrogativas com força ilocutiva diretiva, podendo também usar-se com imperativos (Núñez, 1991: 118, n.14). Para além disto, esta oração, bastante usada com verbos que exprimem dúvida (na negativa ou interrogativa), apresenta, segundo Bennett ([1910]1982: 178-186, 246), o ‘conjuntivo deliberativo’, que se relaciona com questões levantadas após a emissão de comandos ou conselhos ou permite a expressão de impotência para realizar uma ação ou a não hesitação em fazer algo (ver Ernout/Thomas, [1951]1972: 311; Woodcock, [1959] 1998: 143), demonstrando-se assim o reconhecimento da

existência de um dever ou de uma autoridade. Para além disto, pode ainda expressar a obrigatoriedade (Bennett, [1910]1982: 184-185; Woodcock, [1959] 1998: 143; Touratier, 1994: 138-139).

Para além destas ocorrências, regista-se ainda um conjunto elevado de outras (23 casos, correspondendo a cerca de 54,7% do conjunto de ocorrências registadas) em que a expressão em estudo é usada para traduzir a perifrástica passiva latina (construção com sentido passivo que envolve uma forma gerundiva e o verbo *esse* e que tem valor deôntico em latim).

- (34) *E com toda razom he de guardar e de prezar a justiça, assi ella por si – – ca doutra guisa nom seria justiça – como por vñir per ella acrecentamento dhonrra e de louvor. (LO II.118)* *Omni igitur ratione colenda et retinenda iustitia est, cum ipsa per sese (nam aliter iustitia non esset), tum propter amplificationem honoris et gloriae. (De off. II.xii.42)*
- (37) *Nom he de dovidar que de cadahũa destas guisas o proveito nunca poderá contrariar aa honestidade. (LO III.153)* *dubitandum non est quin numquam possit utilitas cum honestate contendere. (De off. III.iii.11)*
- (40) *E ainda he de veer que, se tu ajudares algũu rico ou honrrado, que delle soo ou, quando muyto, de sseus filhos receberás agradecimento (LO II.137)* *Videndumque illud est, quod, si opulentum fortunatumque defende- ris, in uno illo aut, si forte, in liberis eius manet gratia (De off. II.xx.70)*
- (38) *(e) primeiramente he de veer que a benignidade nom empeeça a aqueles que parece que graciosamente he feita,e a outros (LO I.30)* *Videndum est enim, primum ne obsit benignitas et iis ipsis, quibus benigne uidebitur fieri (De off. I.xiv.42)*
- (39) *E porem he de veer que em tal guisa husemos da graadeza que aproveite- mos a nossos amigos, e nom empee- çamos a outrem. (LO I.30)* *Videndum est igitur, ut ea liberali- tate utamur, quae prosit amicis, noceat nemini. (De off. I.xiv.43)*

O peso deste conjunto aumenta para 64,2% se a ele acrescentarmos ainda as 4 ocorrências em que *ser + de + infinitivo* traduz um gerundivo isolado, também ele com valor deôntico<sup>6</sup>:

- (53) *Nem he de louvar, se he verdade que assi foy, o que fezerom o(s) nosso(s) Quinto Fabio Labiam ou algũus outros (LO I.24)* *Ne noster quidem probandus, si ue- rum est Q. Fabium Labeonem seu quem alium (De off. I.x.33)*

<sup>6</sup> Pode, para além do valor de necessidade/obrigação, expressar a intenção ou o fim (Figueiredo/ Almendra, 1967: 103, 105, 203; Bennett, [1910]1982: 458; Woodcock, [1959]1998: 93; Ernout/Thomas, [1951]1972: 263, 285-286).

- (55) *E sse Panecio fora daquelles que tõe* *Quodsi is esset Panaetius, qui uirtu-*  
*que a virtude* **he de prezar**, *por que* *tem propterea* colendam *diceret,*  
*per ella se acalça o proveito...* (LO III.153) *quod ea efficiens utilitatis esset....*  
 (De off. III.iii.12)
- (56) *E sse som de doestar os que se cal-* *Quod si uituperandi qui reticuerunt,*  
*lam dos malles que ha nas suas* *quid de iis existimandum est, qui*  
*cousas, muito mais o devem de sseer* *orationis uanitatem adhibuerunt?* (De  
*aquelles que as louvam com palla-* *off. III.xiv.58)*  
*bras mintirosas.* (LO III.175)
- (57) *E pero que bem sabia que tornava a* *Neque uero tum ignorabat se ad*  
*poder de imiigo muito cruel e que* *crudelissimum hostem et ad exquisita*  
*lhe daria mui fortes tormen-tos,* *supplicia proficisci, sed ius iurandum*  
*todayva teve que era bem de guar-* *conseruandum putabat.* (De off.  
*dar seu juramento e de tornar a* *III.xxvii.100)*  
*Cartago* (LO III.198)

Note-se, a este propósito, que as formas gerundivas possuem um valor de futuridade que se mantém na perifrástica passiva (*amandus ero* – “deverei ser amado”; *amandus sim* – “deva ser/tenha de ser/seja amado”), dado que exprimem um sentido passivo futuro, “la notion verbale comme éventuelle et non comme réalisé, par opposition au participe en *-tus*” (Ernout/Thomas, [1951]1972: 263<sup>7</sup>). Este sentido futuro assume especial relevância quando vimos já que na construção *ser + de + infinitivo* há uma projeção de posterioridade, na medida em que o acontecimento linguístico construído na enunciação se localiza num tempo posterior ao tempo da enunciação, pelo que há a necessidade de realização eventual de uma ação no futuro.

Este facto é bem patente em várias ocorrências onde estão presentes referências temporais que implicam posterioridade. É o caso, por exemplo, de formas verbais no Futuro do Indicativo – (37), (40) – ou no Presente do Conjuntivo – (38), (39) –, cuja utilização para referir atos futuros é patente em PM (Ali, 1971: 328). A este nível, não é necessário que o Futuro do Indicativo ou o Presente do Conjuntivo sejam expressos pela construção em estudo: surgindo no SComp (Sintagma Complementador) que ocupa o lugar do Sujeito, remetem-nos para a ação futura que se exorta um Agente a eventualmente realizar.

Assim sendo, tanto as ocorrências com a perifrástica passiva como as ocorrências com gerundivo – que não possuem correspondente direto na língua portuguesa, nem antiga nem contemporânea – são traduzidas por uma expressão com a qual partilham não apenas o valor modal deôntico, mas também a projeção no futuro e o sentido passivo.

<sup>7</sup> Ver também Bennett [1910]1982: 441-442; Serbat 1975: 123; Touratier 1994: 166-167.

Por fim, e no que diz respeito a expressões latinas traduzidas por esta construção que não têm valor deôntico, como se refere na alínea d) (Frade, 2011: 53-55), das diversas ocorrências que não têm correspondência direta no texto latino (cerca de 9 casos), e que correspondem no total a 21,4% das ocorrências registradas, em cerca de 11,9% (5 casos) encontramos perante dois títulos de seções criados pelo tradutor (em latim não existem) e três casos em que a tradução, veiculando valor deôntico, não encontra paralelo no texto latino:

- (59) *Que a agrecultura antre todallas obras que se obram **he mais de louvar*** (LO I.89)
- (60) *Que em todallas cousas **mais som de louvar** aquellas que vêe de rrazom, que das forças* (LO II.121)
- (61) *E pera esto **he de notar** que toda a conssiira- Omnis de officio duplex est  
çom do oficio he em duas maneiras* (LO I.11) *quaestio. (De off. I.iii.7)*
- (62) *A dereitura per si meesma luz, e onde quer Aequitas lucet ipsa per se,  
que chega duvida **he de ssospeitar** que alguñ dubitatio cogitationem signifi-  
erro he ali mesturado.* (LO I.22) *cat iniuriae (De off. I.ix.30)*
- (29) *E assi parece que obrar discretamente **he** ita fit, ut agere considerate  
**mais de prezar** do que he cuidar sabedor- pluris sit quam cogitare pru-  
mente* (LO I.93) *denter (De off. I.xlv.160)*

Já em aproximadamente 9,5% das ocorrências (4 casos) estamos perante expressões que partilham características com a construção em estudo que não o valor modal, sobretudo o valor de passividade veiculado por infinitivos passivos (caso de 63, assumindo-se que ‘disse ser investigado/demandado’ se traduz por ‘disse ser de investigar/demandar’) ou pelo sufixo *-bilis*, que veicula ainda valor de posterioridade em adjetivos (como em 25<sup>8</sup>):

- (63) *em na qual eu disse que **era de demandar** in quo tum quaeri dixi, quid  
quaaes cousas eram proveitosas, e quaaes utile, quid inutile (De off. II.i.1)  
nom eram proveitosas* (LO II.95)
- (25) *Qual he a cousa que per deos avemos que **he mais de desejar** que a sabedoria; que  
he mais digna ao homem? (LO II.97) Quid enim est, per deos, optabi-  
lius sapientia, quid praestantius,  
quid homini melius, quid homine  
dignius? (De off. II.ii.5)*

<sup>8</sup> Este sufixo latino apresenta um sentido passivo, ao veicular o sentido de ‘capacidade de ser alguma coisa’ (Hanssen, 1889: 36-37, Lindsay, [1894]2010: 334; Hale/Buck, [1903]1966: 125, Bennett, [1908]2000: 111), e, a nível modal, veicula o valor de necessidade ou possibilidade, implicando também uma projeção no futuro: *optabilis* é ‘o que poderá/deverá ser louvado’ (Bauer, 2011: 533-534, Hanssen, 1889: 40).

#### 4. Conclusão

Em conclusão, não se pretende, com este trabalho, dar por terminado o estudo desta construção. De facto, muito há ainda para fazer: a possibilidade de existência de sujeitos expletivos, a forma como se processa a negação, a veiculação de outros valores modais, uma análise sintática mais profunda e pormenorizada são alguns campos de trabalho. Mas nesta fase incipiente, considero que há já dados que podem contribuir para a sua compreensão. Neste âmbito, detetei que há, em Português Médio, uma ligação clara entre a construção em estudo e formas verbais latinas com valor deôntico. Para além disto, esta construção implica um Sujeito que se relaciona com um SV que integra o verbo *ser* – que assume características de auxiliabilidade e por norma concorda sintaticamente com o Sujeito –, a preposição *de* e um verbo no infinitivo, com valor passivo, que representa o núcleo semântico da construção. Neste âmbito, o verbo *ser* não é utilizado como verbo pleno, mas faz parte de uma construção gramaticalizada que é usada para exprimir o valor modal deôntico e em que o acontecimento linguístico construído na enunciação se localiza, relativamente à relação predicativa, num tempo posterior ao tempo da enunciação. Tal projecção faz-se através da presença de referências temporais e da própria preposição *de*, que pode assumir um valor de origem temporal.

Por outro lado, o Sujeito assume sempre o papel temático de Paciente, na medida em que é marcada pela passividade, sendo que o Agente é sempre indeterminado e nunca referenciado diretamente. Em termos modais, esta ausência concreta de Agente é relevante, na medida em que tal indeterminação nos permite concluir que não se exige obrigatoriamente a validação da ação. Assim sendo, a ação apresentada na relação predicativa mantém-se no domínio nocional, na medida em que esta construção é usada pelo sujeito da enunciação para apresentar um conjunto de princípios universais que cada um é livre de seguir ou não, sem necessidade de validação da ação apresentada na relação predicativa, o que é relevante num texto argumentativo em que se procura orientar um futuro governante para a normativa ética a seguir, sem haver obrigatoriedade ou imposição de uma conduta.

#### Referências

- Ali, Said (1971). *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- Bally, Charles (1965). *Linguistique générale et linguistique française*. Berne: Francke.
- Bauer, Brigitte L. M. (2011). Word Formation. In Martin Maiden, John Charles Smith e Adam Ledgeway (ed.). *The Cambridge History of the Romance Languages: Structures. Vol I*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 532-563.

- Bennett, Charles E. ([1910]1982). *Syntax of Early Latin I*. New York: Georg Olms.
- Bennett, Charles Edwin ([1908]2000). *New Latin Grammar*. Illinois: Bolchazy-Carducci Publishers.
- Campos, Maria Henriqueta Costa (1997). *Tempo, Aspecto, Modalidade*. Porto: Porto Editora.
- Campos, Maria Henriqueta Costa (1998). *Dever e poder: um subsistema modal do Português*. Lisboa Fundação Calouste Gulbenkian.
- Campos, Maria Henriqueta Costa (2001). Gramática e construção da significação. In: Fernanda Irene Fonseca, Isabel Margarida Duarte & Olívia Figueiredo (eds) *A linguística na formação do professor de português*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, pp. 163-174.
- Campos, Maria Henriqueta Costa & Maria Francisca Xavier (1991). *Sintaxe e Semântica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CetemPúblico. In <http://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/> (acedido a 10-10-2011).
- Culioli, Antoine (1968). La formalisation en linguistique. *Cahiers pour l'Analyse* 9: pp. 106-117.
- Dias, Augusto Epiphanyo da Silva (1918). *Syntaxe histórica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Duarte, Inês (2003). Subordinação completiva – as orações completivas. In Maria Helena Mira Mateus. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 593-651.
- Ernout, Alfred & Thomas, François ([1951] 1972). *Syntaxe Latine*. Paris: Éditions Klincksieck.
- Figueiredo, José Nunes & Almendra, Maria Ana (1967). *Compêndio de Gramática Latina*. Porto: Livraria Avis.
- Fonseca, Joaquim (1994). *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*. Porto: Porto Editora.
- Frade, Mafalda (2011). *Ser de + Infinitivo na tradução quatrocentista do “Livro Dos Ofícios”*. Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- Hale, William Gardner & Buck, Carl Darling ([1903]1966). *A Latin Grammar*. Alabama: The University of Alabama Press.
- Hanssen, Frederick (1889). *The Latin Adjective*. *The American Journal Of Philology*, 10.1, pp. 34-44.
- Lindsay, W. M. ([1894]2010). *The Latin Language: An Historical Account of Latin Sounds, Stems, and Flexions*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lyons, John (1977). *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Núñez, Salvador (1991). *Semântica de la modalidad en latín*. Granada: Universidad de Granada.
- Perelman, Chaïm & Olbrechts-Tyteca, Lucie (2002). *Tratado da Argumentação*. São Paulo: Martins Fontes.
- Pina, Angelina Aparecida (2007). SER DE (SE) V<sub>Inf.</sub>: uma Construção Gramatical do Português. In *Atas do IX Fórum de Estudos Lingüísticos (FELIN)*. Rio de

Janeiro, UERJ. In <http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/62.pdf> (accedido a 10-10-2011).

Pinkster, Harm (1995). *Sintaxis y Semántica del Latín*. Madrid: Ediciones Clásicas.

Searle, John R. (1979). *Expression and meaning*. Cambridge: Cambridge University Press.

Touratier, Christian (1994). *Syntaxe latine*. Louvain-la-Neuve: Peeters.

Woodcock, E. C. ([1959] 1998). *A new latin syntax*. Bristol: Bristol Classical Press.